

# O CONHECIMENTO COMO PRODUTO DE RELAÇÕES SOCIAIS: OS SUJEITOS QUE PRODUZIRAM O ÍNDICE DE CUSTO DE VIDA DO DIEESE (ICV-DIEESE)

Fausto Augusto Junior<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo tem como objetivo a reconstituição da história do Índice de Custo de Vida (ICV-DIEESE). A análise das relações sociais estabelecidas neste processo demonstrou que o ICV-DIEESE foi resultado de um conjunto complexo de diálogos entre diferentes sujeitos que tiveram a capacidade de viabilizar as condições necessárias para a produção de um conhecimento capaz de instrumentalizar a luta dos trabalhadores contra a carestia de vida.

## Palavras-Chave

Trabalho, Conhecimento, Educação, Sindicalismo, Educação Política, Políticas Públicas.

## Introdução

É possível afirmar que o ICV-DIEESE tem sua origem na percepção por parte dos trabalhadores de que seus salários perdiam poder de compra cotidianamente e que os aumentos salariais que aconteciam não davam conta de suprir essa perda.

Foi a partir do conhecimento inicial produzido pelos bancários de procurar quantificar o tamanho dessa perda por meio de procedimentos simples de verificação e comparação de preços que se iniciou uma articulação entre sindicalistas e intelectuais. Essa articulação trouxe um conjunto de relações sociais<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Professor Adjunto na Escola DIEESE de Ciências do Trabalho e Assessor-Técnico do DIEESE na subseção no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. É mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP).

<sup>2</sup> O debate sobre o papel dos intelectuais na sociedade moderna, como já afirmara Bobbio, não tem trégua. Muitas são as visões e definições e não serão aprofundadas neste estudo. Para os fins desta pesquisa, interessa focar um aspecto fundamental que é a possibilidade de esses intelectuais constituírem um conjunto de relações sociais que lhes possibilite acessar o conhecimento científico historicamente sistematizado. Sobre a discussão do papel dos intelectuais na sociedade moderna, ver BOURDIEU, P. O campo científico. In.: ORTIZ, Renato (Org.). Pierre Bourdieu:

que viabilizaram não só a produção do índice, mas a criação e a manutenção do DIEESE ao longo de 60 anos.

Foram as relações existentes no interior do movimento sindical com as relações sociais trazidas pelos intelectuais que resultaram na produção do índice de custo de vida dos trabalhadores, conferindo legitimidade científica capaz de introduzir os trabalhadores nos embates do campo acadêmico para além de meros objetos de pesquisas.

Três sujeitos são fundamentais neste processo: Salvador Romano Losacco, José Albertino Rodrigues e Lenina Pomeranz, cada qual elemento essencial no diálogo do DIEESE com diferentes indivíduos que influenciaram decisivamente a criação do índice de custo de vida do DIEESE, o ICV-DIEESE.

## 1. Salvador Romano Losacco: as relações políticas para a viabilização e sustentação de um conhecimento

No momento de criação do DIEESE, Salvador Romano Losacco era dirigente do Sindicato dos Bancários e presidente do Pacto de Unidade Intersindical (PUI). Sua participação na viabilização do DIEESE foi fundamental. Segundo Luiz Tenório “sem ele não tinha existido o DIEESE” (LIMA, 2006, p.292).

Pode-se afirmar que Losacco foi o idealizador político do DIEESE e, como presidente do PUI, foi seu viabilizador econômico, sendo inclusive o responsável pela primeira sede do departamento: uma sala do Sindicato dos Bancários de São Paulo no edifício Martinelli.

Losacco tem sua história vinculada à política no Estado de São Paulo e, desde a década de 1930, manteve relações com importantes figuras da política paulista. Entre 1930 e 1935, Losacco trabalhou com seu tio no Escritório de Advocacia Cardoso de Melo, tendo assim contato direto com José J. Cardoso de Melo Júnior e José J. Cardoso de Melo Neto, figuras importantes do Partido Democrático.

Como destacou o próprio Losacco:

[...] o velho José Joaquim Cardoso de Melo Júnior já vinha de combater o sistema político desde o tempo do império, havia sido intendente (chefe de polícia) de São Paulo, e também foi senador [...] O seu filho mais velho, José Joaquim Cardoso de Melo Neto<sup>3</sup>, professor da Faculdade de Direito, era figura de proa do Partido Democrático (LOSACCO, 1987, p.2).

Sociologia. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-155 e GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

3 Joaquim Cardoso de Melo Neto (1883-1965). Foi prefeito interino da cidade de São Paulo de 24 de outubro a 5 de dezembro de 1930 nomeado pelo general Hastinfilo de Moura. Foi governador do Estado de São Paulo eleito pela Assembleia Legislativa de 5 de janeiro de 1937 a 10 de novembro de 1937 e interventor federal no Estado de São Paulo de 11 de novembro de 1937 a 26 de abril de 1938. Foi diretor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo entre 1941 e 1942 e fundador do Banco Mercantil de São Paulo (JOAQUIM Cardoso de Melo Neto. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Joaquim\\_Cardoso\\_de\\_Melo\\_Neto](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Joaquim_Cardoso_de_Melo_Neto). Acesso em: 10 fev. 2010)

Losacco adentrou a vida política pelas mãos de seu tio e pelas relações que estabeleceu no escritório Cardoso de Melo. Em 1936, trabalhou na 3ª Zona Eleitoral, na expedição de títulos eleitorais para a eleição de 1937, que, com o golpe de Getúlio Vargas e o início do Estado Novo nesse ano, não aconteceu.

Nesse período, com a fusão da Ação Nacional e do Partido Democrático<sup>4</sup> na criação do Partido Constitucionalista<sup>5</sup>, Losacco tornou-se o 2º Secretário do diretório da Bela Vista.

Nas palavras de Losacco, ele iniciou sua história na política

[...] no escritório de advocacia, depois por gosto. Não foi só para atender o desejo do meu empregador que eu comecei a me dedicar à política, eu tomei gosto pela coisa. (LOSACCO, 1987, p. 6)

Com a campanha de Armando Sales de Oliveira à presidência da República, Losacco foi trabalhar no jornal “O Imparcial” de São Paulo.

O Imparcial foi justamente criado para fazer a campanha de Armando Sales de Oliveira à presidência da República, isso foi em 1935, e logo de cara eu achei que a minha atividade política, tanto no diretório do Partido Constitucionalista lá na Bela Vista como no serviço eleitoral, poderia ser ampliada se eu trabalhasse em jornal, e eu fui para o Imparcial (LOSACCO, 1987, p. 7)

No Imparcial, Losacco iniciou sua carreira no jornalismo, atuando como revisor entre 1936 e 1937. Em 1937, com a fundação da Rádio Bandeirantes, também, a serviço da candidatura Armando Sales de Oliveira, Losacco passou a exercer a função de redator e correspondente da rádio, onde ficou até metade de 1938, quando foi convocado pelo exército.

[...] eu sou convocado para prestar serviço militar, naquele tempo houve o sorteio, foi o único sorteio que eu ganhei na minha vida. Em mais de 120 mil para se escolher 12 mil, eu fui o 6º e aí eu fiquei até 1941 no exército, um pouco mais de 4 anos, foi de meados de 1938 até junho de 1941. (LOSACCO, 1987, p. 10)

Com sua saída do exército em 1941, Losacco prestou concurso para trabalhar no Banco do Brasil e passou a integrar a categoria dos bancários na cidade de Jaú, onde ficou até novembro de 1948. Em Jaú, participou da fundação da Esquerda Democrática local<sup>6</sup>.

4 O Partido Democrático foi fundado em 1926, reunindo descontentes com o domínio do Partido Republicano Paulista (PRP) nos governos do Estado de São Paulo e da República (ABREU, A. A. et al. (Org.). Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: Pós-30. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 5 v, 2001).

5 O Partido Constitucionalista foi criado em 1934 da fusão do PD, da Ação Nacional (ala interna do PRP) com a Federação dos Voluntários liderados por Armando de Sales Oliveira, então interventor em São Paulo (ABREU, 2002).

6 Fundada em 25 de agosto de 1945, a Esquerda Democrática (ED) reuniu os opositores socialistas avessos ao comunismo soviético (comunistas em desacordo com o stalinismo, ex-trotskistas, militantes do incipiente Partido Socialista Brasileiro vigente nos anos 30, cristãos progressistas) e ao Estado Novo. Não se constituindo como partido político, a ED estabeleceu acordo eleitoral com a União Democrática Nacional (UDN) e concorreu às eleições parla-

Quando se fundou a Esquerda Democrática, eu fui fundador lá em Jaú. [...] Eu participei da fundação, fizemos uma solenidade e tal coisa, fizeram umas reuniões [...] mas teve vida efêmera. Não demorou nem um ano. (LOSACCO, 1995, p.227)<sup>7</sup>

Retornando a São Paulo, Losacco trabalhou em uma agência no centro, lotado na carteira de crédito agrícola, onde se aproximou da luta contra a intervenção do sindicato dos Bancários. Junto com “Milton Marcondes, Oswaldo Soares Carezzato e Remo Braga e mais alguns companheiros”, fez parte de uma comissão sindical, passando a participar das “raras assembleias que havia no sindicato” (LOSACCO, 1987, p.12).

Em conjunto com outros bancários de outros bancos, principalmente os que haviam sido dirigentes sindicais antes da intervenção, formou um grupo que deu origem à “Comissão de Defesa dos Bancários”:

Começamos na minha casa em meia dúzia e acabamos precisando emprestar o Salão das Classes (Laboriosas) ali na rua José Bonifácio. Ali já iam duzentas, trezentas (pessoas) [...] [e assim] fundamos então a comissão de defesa dos bancários de São Paulo, e elegemos para ela como presidente Milton Marcondes, fomos assim até o ano de 1949, quando lançamos uma campanha por aumento de salários, que conseguiu empolgar toda classe bancária de São Paulo, contra o sindicato, contra os banqueiros, contra a polícia [...] (LOSACCO, 1987, p.13).

Na campanha salarial de 1949, a “Comissão de Defesa dos Bancários” montou a primeira comissão para o cálculo do reajuste a ser reivindicado.

Em 1950, Losacco compôs a chapa de oposição “Libertadora” encabeçada por Milton Marcondes, então vereador da UDN, derrotando outras duas chapas nas eleições para a direção do Sindicato dos Bancários.

Com a vitória, Losacco passou a integrar a diretoria dos Sindicatos dos Bancários de São Paulo e a comandar os movimentos reivindicatórios contra os bancos nos anos seguintes, com destaque para a campanha de 1951, já explorada anteriormente.

Da experiência da greve de 1951 e das campanhas salariais dos bancários de 1952 e 1953, Losacco sedimentou sua legitimidade política perante os principais líderes sindicais do período ao assumir em 1954 a presidência do Sindicato dos Bancários de São Paulo e, no ano seguinte, a presidência da Federação dos Empregados em Estabelecimentos Bancários. Com a criação do

mentares em dezembro de 1945 através daquela legenda, fato este que levou alguns analistas a considerarem a ED uma ala à Esquerda dentro da UDN. Em abril de 1946, a Esquerda Democrática realizou a primeira Convenção Nacional, que decidiu torná-la oficialmente partido político, adotando um programa próprio e passando a apresentar candidatos às eleições. Em sua 2a Convenção, realizada em 16 de agosto de 1947, a ED adotou a denominação Partido Socialista Brasileiro e a manteve até 1965, quando de sua extinção pelo AI-2. Seu programa defendia o regime representativo, a liberdade sindical e de organização partidária, a saúde pública, o ensino gratuito, a reforma agrária, a industrialização e o divórcio. Sobre a Esquerda Democrática ver HECKER, F. A. M. Socialismo sociável: história da esquerda democrática em São Paulo (1945-1965). São Paulo: Editora UNESP, 1998.

<sup>7</sup> Entrevista com Salvador Romano Losacco, em HECKER, F. A. M. Um retrato falado do Brasil pré- golpe: entrevista com Salvador Romano Losacco. Revista Brasileira de História, São Paulo: ANPUH, v. 27, p. 223-243, 1995.

PUI, também em 1955, foi escolhido como seu presidente, cargo que ocupou até sua extinção em 1959.

Como figura proeminente do movimento sindical paulista, Losacco lançou-se candidato a deputado federal pelo PTB, sendo eleito em outubro de 1958 com 10.198 votos<sup>881</sup>. Ocupou o referido cargo até setembro de 1962 quando teve seu mandato cassado, acusado de ser comunista.

Losacco foi fundamental para o DIEESE e para a montagem do ICV, pois trouxe para o projeto do Departamento todas suas relações políticas construídas por sua história de vida dentro e fora do Movimento Sindical (vide ilustração 1).

Sua trajetória política eclética iniciada no Partido Democrático e no Partido Constitucionalista, com passagem pela Esquerda Democrática e filiação ao PTB, além de sua estreita relação com Milton Pereira Marcondes, bancário e vereador eleito UDN, e principalmente sua ampla relação com diferentes líderes sindicais advinda de sua posição como presidente do PUI, ajudam a compreender como foi possível a organização de um departamento intersindical.

Como o próprio Losacco lembra:

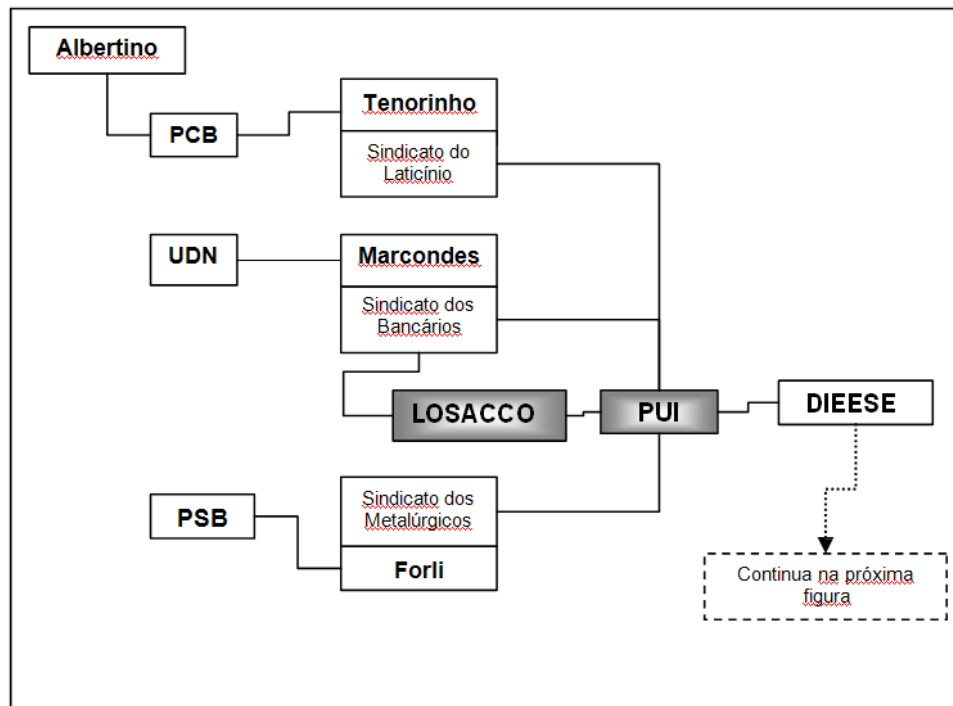
Comecei a desenvolver uma tarefa de convencer o nosso pessoal, os dirigentes sindicais que participavam do Pacto (PUI) e tinha lá uns quinze, depois entrou mais 2 ou 3 [...] aí foram chegando devagarzinho (os pelegos), chegaram os eletricitários, o pessoal do gás e até o pessoal do funcionalismo, o funcionalismo da Prefeitura de São Paulo [...] [assim] nós conseguimos angariar também para o DIEESE os chamados pelegos, que eram os homens que vinham da máquina dos antigos interventores [...]. (LOSACCO, 1987, p.37)

De direções comunistas, passando por janistas, trabalhistas e ministerialistas, Losacco conseguiu dialogar com uma frente capaz de conferir legitimidade política e viabilidade financeira ao DIEESE, articulando-o aos diversos processos políticos com os quais o Movimento Sindical estava envolvido.

---

<sup>8</sup> Losacco foi eleito deputado federal pelo PTB em 1958, porém nunca foi alinhado plenamente com o partido, a ponto de Maria Victória Benevides dedicar um espaço em seu livro "PTB e trabalhismo: Partido, Sindicato e Governo em São Paulo 1945-1964" intitulado "Salvador Losacco: o sindicalismo radical na bancada petebista" ver Benevides (1989).

**Ilustração 1**  
**Diagrama de relações – Salvador Romano Losacco**



## 2. José Albertino Rodrigues: relações sindicais e relações acadêmicas

Um departamento de estatísticas e estudos socioeconômicos não existe somente no aspecto político. A organização do trabalho e a montagem do cálculo do custo de vida dos trabalhadores, razão de sua criação, eram tarefas a serem desenvolvidas e para isso foi então contratado um contador.

Não se encontraram registros de quem foi esse primeiro técnico a serviço do DIEESE. Seu nome não aparece nos documentos da instituição nem nas falas dos dirigentes que fundaram o Departamento. O que se sabe de seu trabalho é que ele organizou uma pesquisa sobre o perfil de consumo dos trabalhadores, enviando-a aos sindicatos ligados ao PUI.

No que se refere ao contador contratado, Luiz Tenório, então Secretário do PUI, o descreve assim:

[...] era um homem muito alienado politicamente, um excelente técnico, mas estava pouco se lixando para as lutas dos trabalhadores. Esse técnico fez um bom trabalho nos primeiros 20, 40 dias. Quando nós apresentamos o primeiro resultado, assustou a Federação da Indústria, presidida na época pelo An-

tônio de Visatti, cuja sede é aqui no Viaduto Maria Paula... pertinho, aqui, da João Mendes. Eles se mancomunaram, estudaram, chamaram esse técnico, triplicaram o salário que nós tínhamos estabelecido, que era o que a gente podia pagar. O cidadão não deu pra gente nem bom-dia, nem boa-tarde, caiu fora, a gente ficou sabendo que ele já estava lá e que ele não ia mais voltar pro DIEESE (LIMA, 2006, p.291).

Apesar de não se ter certeza do perfil do contador contratado além do descrito por Lima, é possível perceber que a partir dessa primeira tentativa de contratar um técnico para trabalhar junto ao movimento sindical começou a ficar claro para os dirigentes sindicais que, para além do conhecimento técnico era necessário algo mais, que iria nortear a contratação do quadro técnico da instituição: o compromisso com a classe trabalhadora.

O cargo técnico do DIEESE ficou vago até 1956, quando entrou em cena uma figura fundamental na organização do departamento e na produção do Índice de Custo de Vida: José Albertino Rodrigues, então com 28 anos.

Segundo Luiz Tenório, Albertino chegou ao DIEESE por intermédio do Partido Comunista.

O Partido Comunista, que tinha presença em todas as universidades, em todos os jornais, através do Câmara Ferreira, que era o jornalista responsável pelo jornal 'O Hoje' do Partidão e era o assistente dos universitários, localizou o Albertino Rodrigues. Um homem muito sereno, muito discreto, não era assim 'queimado'. O Câmara Ferreira trouxe ele, nos apresentou, nós o acolhemos. (LIMA, 2006, p.292).

José Albertino Rodrigues, de origem mineira e filho de modesto administrador de empresas, teve sua formação acadêmica ligada à Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP-SP) e à Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo (FCEA-USP)<sup>9</sup>.

Albertino bacharelou-se no início da década de 1950 em Ciências Sociais na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP-SP), a mesma que primeiro realizou as pesquisas de padrão de vida da classe trabalhadora, conforme descrito anteriormente.

Como estudante de Ciências Sociais, Albertino foi apresentado à sistemática de pesquisa e análise sociológica desenvolvida pela ELSP-SP, fortemente influenciada pela sociologia norte-americana. Como auxiliar de Oracy Nogueira<sup>10</sup>, ainda na ELSP-SP teve a oportunidade de aplicar na prática os métodos e

9 A Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo foi criada em 1946. Em 1969, a Reforma Estrutural da USP muda o nome de FCEA para Faculdade de Economia e Administração (FEA).

10 Oracy Nogueira (1917-1996). Sociólogo brasileiro, integrou a primeira turma de mestres em ciências sociais formadas no país pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, na qual desenvolveu profundas relações com o pensamento sociológico e antropológico americano. Suas principais obras têm como objeto a análise do preconceito racial no Brasil, a família e o parentesco, estudos de comunidade, sociologia das profissões e metodologia e técnicas de pesquisa. Importante referência na relação entre Economia e Sociologia, fez parte do corpo docente da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo (FCEA-USP) entre 1952 e 1970 e

técnicas de pesquisa social aprendidos.

Nogueira relata que Albertino atuou como seu secretário e datilógrafo, “a quem ditava cada aula a ser ministrada” em 1951, quando ministrou o curso de métodos e técnicas de pesquisa social no Centro de Estudos de Folclore Mario de Andrade. Também o auxiliou no trabalho de campo - que vinha desenvolvendo em Itapetininga para a pesquisa - Família e Comunidade, um estudo sociológico de Itapetininga (NOGUEIRA, 1992, p.200)<sup>11</sup>.

As afinidades entre Nogueira e Albertino se davam também na esfera política: ambos eram ligados ao Partido Comunista. Este fato trouxe imensos transtornos em suas vidas acadêmicas: Para Oracy Nogueira, o preço de sua filiação ao Partido Comunista foi a não concessão em 1952 de seu visto para retorno aos Estados Unidos, o que o impediu de defender sua tese de doutoramento; Já Albertino, como auxiliar de Nogueira e alvo de hostilidade aberta por conta de sua militância estudantil, ficou impossibilitado de continuar na ELSP (NOGUEIRA, 1992, p.200).

As complicações ligadas à relação de ambos com o Partido Comunista acabaram levando-os a se transferirem da ELSP-SP para a Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo (FCEA-USP) por meio de convite de Mário Wagner Vieira da Cunha<sup>12</sup>: Nogueira para a cadeira de Ciência da Administração e Albertino como auxiliar e depois assistente de ensino e pesquisa da Professora Alice Piffer Canabrava, responsável pela cadeira de História Econômica.

Como auxiliar e assistente de Canabrava<sup>13</sup>, Albertino ampliou suas relações com a economia e aprofundou seus conhecimentos em métodos e técnicas de pesquisa econômica, em especial na utilização de fontes primárias para a análise da realidade brasileira, conhecimentos fundamentais para o desenvolvimento futuro da metodologia do Índice de Custo de Vida do DIEESE (ICV-DIEESE).

---

entre 1978 e 1983 quando assume como professor titular de Sociologia aplicada à economia, ocupando essa cadeira até se aposentar. No Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP) foi responsável pela cadeira de “Métodos e técnicas de pesquisa” entre 1970 e 1978. (JACKSON, L. C. J. Gerações pioneiras na sociologia paulista 1934- 1969. Tempo Social: Revista de Sociologia da USP, São Paulo: Departamento de Sociologia FFLCH-USP, v.19, n.1, p. 115-130, 2007).

11 NOGUEIRA, Oracy. Homenagem – José Albertino Rosário Rodrigues. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, Departamento de Sociologia FFLCH-USP, v. 4, n.1- 2, p. 199-203, 1992.

12 Mário Wagner Vieira da Cunha (1912-2003). Concluiu o curso de Direito em 1936 na Universidade de São Paulo e pertenceu à turma de ciências sociais e políticas de 1935 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na mesma universidade. Foi professor na Escola Livre de Sociologia e Política, professor catedrático de ciência da administração da Faculdade Ciências Econômicas e Administração e diretor do Instituto de Administração anexo à FCEA-USP. Autor, entre outros trabalhos, de “Descrição da festa de Bom Jesus de Pirapora” publicado na Revista do Arquivo Municipal em 1937, “Povoamento e classes rurais do município de Cunha” de 1939, “Social research in Brazil”, em parceria com Donald Pierson em 1946, “Burocratização das empresas industriais” em 1951 e “O sistema administrativo brasileiro 1930-1950” de 1963. (MICELI, Sérgio; PINHEIRO, F. A. F. Entrevista com Mário Wagner Vieira da Cunha. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v.20, n. 2, nov. 2008).

13 Alice Piffer Canabrava (1911-2003), historiadora brasileira – foi uma das primeiras mulheres a assumir uma cátedra na Universidade de São Paulo na cadeira de História Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo (FCEA-USP). Com influências de Pierre Monbeig e Fernand Braudel (Escola dos Annales) de quem fora aluna, realizou importantes pesquisas a partir de fontes primárias, introduzindo na universidade brasileira métodos e técnicas de pesquisa em História Econômica. Suas pesquisas com base em exaustivo levantamento de dados em fontes primárias se constituíram como referência em história quantitativa e “abriram uma vertente de pesquisa que até hoje vem sendo explorada por vários pesquisadores com relevantes resultados para a historiografia”. (SAES, F. A. M. A obra de Alice Canabrava na historiografia brasileira. Texto apresentado no Seminário A participação feminina na construção de novas disciplinas: o caso da historiografia econômica no Brasil. In: V CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DA TECNOLOGIA, Rio de Janeiro, 1998. Mimeo).



Além disso, foi na FCEA-USP que Albertino

conviveu na Sala dos Professores, nos minutos que antecediam as aulas e nos intervalos com Wilfred Leslie Stevens<sup>14</sup>, inglês, docente de estatística que, segundo Nogueira, o auxiliou no planejamento da nova instituição (DIEESE) e no da elaboração do índice de custo de vida que haveria de fornecer (NOGUEIRA, 1992, p.201).

Segundo Nogueira

o ambiente na nova instituição, as atividades didáticas e de pesquisa na cadeira de 'História Econômica', a experiência anterior de pesquisa e o conhecimento dos estudos de padrão de vida de que a Escola de Sociologia e Política havia sido pioneira, com os trabalhos de Davis e Lowrie, e a motivação desenvolvida no movimento estudantil, tudo convergiu no sentido de levar Albertino, nessa altura da vida, a engendrar e realizar o mais importante e mais marcante projeto de toda sua acidentada carreira profissional – a criação do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos, o DIEESE (NOGUEIRA, 1992, p.201).

Para o projeto de constituição do DIEESE e de produção do Índice de Custo de Vida (ICV-DIEESE), Albertino trouxe, de modo diferente, duas escolas de produção de conhecimento: a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) e a Universidade de São Paulo (USP).

Como aluno da ELSP, Albertino constituiu-se em um elo do DIEESE com a tradição americana de pesquisa sociológica, onde melhor se desenvolveu a tradição empirista, com forte predominância de pesquisas quantitativas a partir de fontes primárias e utilização da estatística como ferramenta na compreensão dos fenômenos sociais<sup>15</sup>.

Heloísa Martins relembra que

[...] a ELSP teve um papel fundamental nessas pesquisas [...]. Essa preocupação de realizar pesquisas, influência da sociologia que era feita na Universidade de Chicago [...]. Enquanto na USP se tinha uma discussão teórica muito acentuada, lá você tinha uma direção que desde (o princípio) vai ter o envolvimento com as pesquisas empíricas com grande influência da estatística [...]. Algo que diferen-

---

14 Wilfred Leslie Stevens (1911-1958), bacharel em Matemática por Cambridge, foi discípulo de Ronald Aylmer Fisher, com quem trabalhou no Galton Laboratory. Foi pesquisador na Estação experimental de Rothamsted e publicou mais de 20 artigos em revistas como *Annals of Eugenics*, *Journal of Genetics*, *Journal of the Royal Statistical Society B*, *Biometrika*. Antes de vir para o Brasil, foi professor no Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, em Portugal. No Brasil, assumiu a cadeira de Estatística Matemática e Estatística Demográfica na FCEA-USP e desenvolveu intensa atividade na área de planejamento de experimentos estatísticos tanto do ponto de vista teórico quanto prático na área biológica e na agronomia. (DANTAS, C. A. B. O desenvolvimento da estatística na universidade de São Paulo. *Boletim da Associação Brasileira de Estatística*, IME- USP, Ano XVIII, n. 52, p.39-57, 2º quadrim. 2002)

15 A influência americana na ELSP-SP se deu por meio de intercâmbios com a Universidade de Chicago e com a Universidade de Columbia. A partir da tradição da Escola de Chicago, a ELSP desenvolveu um conjunto de pesquisas qualitativas ligadas aos estudos de comunidades. Já a Universidade de Columbia trouxe para a ELSP a sua experiência nos métodos quantitativos, introduzindo a utilização da estatística como instrumental importante para as pesquisas sociais.

ciava os alunos das ciências sociais da USP e os alunos da ELSP. (MARTINS, 2009).

Essa diferenciação era tão forte que levou a turma de Heloísa Martins

a fazer um movimento para aumentar o número de aulas de estatísticas. Nós achávamos que nós não tínhamos conhecimento suficiente para concorrer com os alunos que saíam da ELSP. Eles já saíam contratados por pesquisas, por empresas de pesquisa de mercado, de pesquisa de opinião pública. (Essas empresas) iam buscar os alunos (para trabalhar) lá (na ELSP), não iam buscar na USP. (MARTINS, 2009)

Na Universidade de São Paulo, como professor-assistente na FCEA-USP teve a oportunidade de dialogar com nomes importantes da estatística e da história quantitativa, como Stevens e Canabrava, respectivamente. Além disso, com fortes ligações com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL-USP), Albertino foi o elo do DIEESE e, conseqüentemente, do Movimento Sindical com os intelectuais ligados à causa dos trabalhadores que buscavam compreender as transformações sociais decorrentes do processo de industrialização em curso no Brasil (vide Ilustração 2).

Na relação de Albertino com a FFLC-USP, Azis Simão<sup>16</sup>, então ligado à cátedra de Sociologia II, foi fundamental. Segundo Lenina Pomeranz, Oracy (Nogueira) e Azis (Simão) eram muito próximos, muito influenciáveis, um ao outro, sempre trocando ideias. (POMERANZ, 2009)

No que se refere à produção de conhecimento, a influência da ELSP e da FCEA-USP é percebida no rigor metodológico, na preferência por fontes primárias de informação e no peso da estatística na história do DIEESE. Já a influência no DIEESE dos intelectuais ligados nas Cátedras de Sociologia da FFCL-USP pode ser verificada por uma concepção de conhecimento - marcada pela cientificidade e profissionalismo (JACKSON, 2007a)<sup>17</sup> com vistas a levar aos trabalhadores a consciência dos seus problemas sociais.

Aqui vale a pena trazer um momento significativo de explicitação da concepção de Albertino, relatado pela então técnica no DIEESE Heloísa Martins:

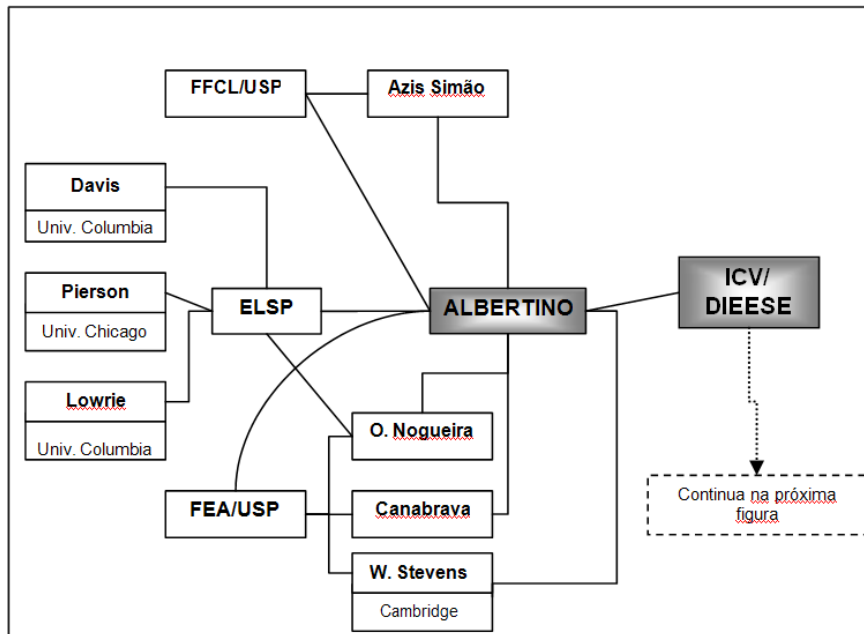
Nós estávamos conversando sobre o movimento sindical e eu tinha umas idéias assim, muito românticas sobre sindicalismo e disse a ele, que estava lendo Marx

16 Azis Simão (1912-1990). Sociólogo, militante socialista, desde o final da década de 1920 manteve fortes ligações com o movimento operário paulista, com os intelectuais do movimento modernista e com os principais líderes socialistas e anarquistas brasileiros da época. Apesar da sua profunda afinidade com a área de ciências humanas, acabou formando-se em farmácia. Participou da oposição ao Estado Novo e foi membro fundador da União Democrática Socialista, futuro Partido Socialista Brasileiro. Forma-se em 1950 no curso de Ciências Sociais, tornando-se professor daquele departamento. Na universidade, realizou pesquisas sobre o proletariado paulista, tendo publicado seu famoso estudo sobre o voto operário em São Paulo nas eleições de 1947. Em 1964 defende sua tese de livre docência abordando a formação do proletariado paulista que foi publicada em 1966 com o título "Sindicato e Estado", se transformou num clássico sobre o tema no país. (RODRIGUES, J. A.; COSTA V. R. Azis Simão, (1912-1990). *Ciência Hoje*, São Paulo, maio 1989. Disponível em: <http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/txt.php?id=21>, Acesso em: 30 dez. 2009).

17 JACKSON, L. C. J. Gerações pioneiras na sociologia paulista (1934-1969). *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo: Departamento de Sociologia FFLCH-USP, v.19, n.1, p. 115-130, 2007a.

e Engels sobre sindicato. Ele me olhou com um ar assim muito duro: olha, tudo bem. Lê. Não faz mal você ler. Mas eu acho que mais importante que você ler é freqüentar o sindicato. Você conversar com os dirigentes que vão ao DIEESE. É você anotar, é você manter um diário do que você vai observando. [...] (MARTINS, 1988)<sup>18</sup>

**Ilustração 2**  
**Diagrama de relações – José Albertino Rodrigues**



Esta concepção de produção de conhecimento calcado no olhar atento e rigoroso define o DIEESE não como um centro produtor de grandes interpretações, mas como um lugar de pesquisa de dados primários no qual aquilo que se produz deve servir às diversas interpretações da realidade brasileira que permeiam a diversidade sindical.

Assim, pode-se dizer que a chegada de José Albertino Rodrigues ao DIEESE viabilizou o diálogo entre dirigentes e intelectuais (vide Ilustração 3), definindo seu perfil institucional, explicitado hoje em seu estatuto:

O DIEESE é um órgão unitário do Movimento Sindical Brasileiro destinado à realização de estudos e pesquisas, produção e difusão de conhecimento e informação sobre o trabalho em um contexto multidisciplinar, **tendo como instrumento de análise o método científico, a serviço dos interesses da classe trabalhadora**, sem prejuízo da diversidade das posições e enfoques sindicais (DIEESE, 2008, grifo nosso)<sup>19</sup>.

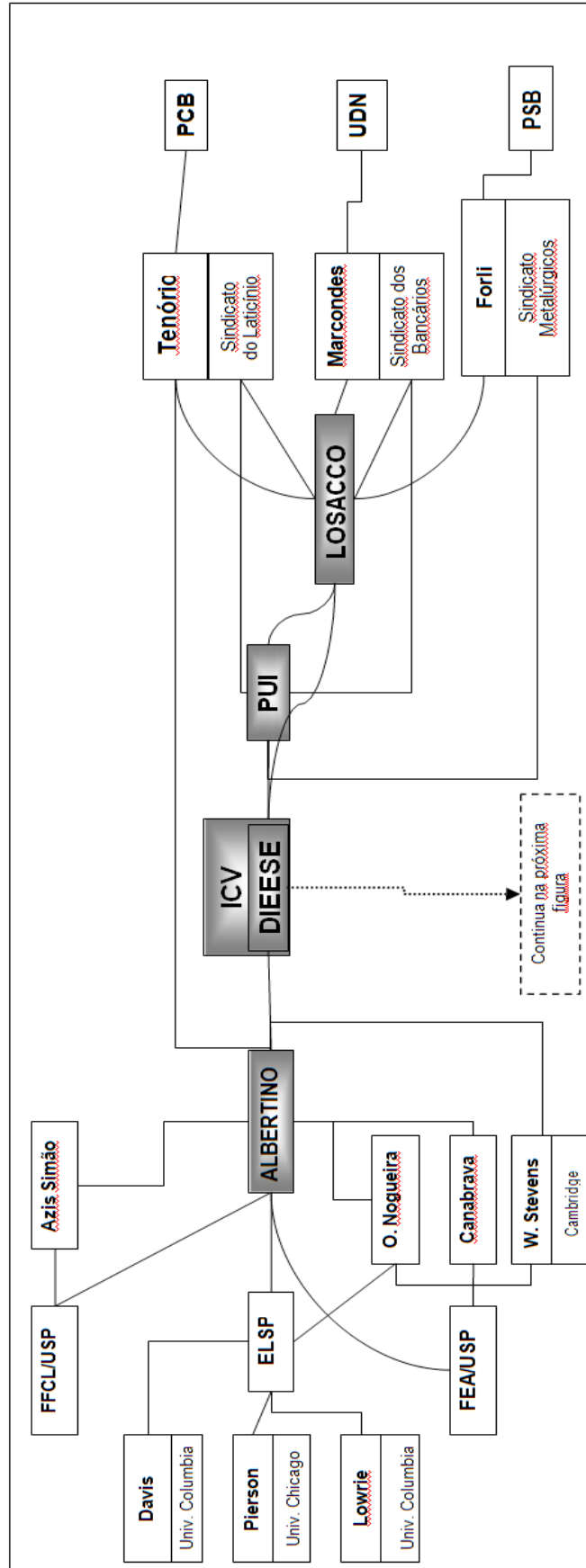
18 Entrevista com Heloísa H. T. S. Martins realizada em 12/03/1988 por Miguel Wadi Chaia

19 DIEESE, Estatuto do DIEESE. Disponível em Disponível em: <<http://www.dieese.org.br>>. Acessado 12/03/2009.

Albertino trouxe ao departamento a ideia do DIEESE como “uma organização permanente, uma organização estável, científica e profissional capaz de fazer um trabalho sistemático, organizar as coisas [...]” (1988 Rodrigues apud CHAIA, 1992, p.59) a serviço do movimento sindical. A partir desta concepção, viabilizou-se a produção do Índice de Custo de Vida dos Trabalhadores.

Ilustração 3

Diagrama de relações – José Albertino Rodrigues e Salvador Romano Losacco



### 3. Lenina Pomeranz: a montagem matemática do Índice de Custo de Vida

Um índice de custo de vida é um indicador econômico que mede a variação dos preços relativos de uma cesta de produtos previamente definida. Segundo o DIEESE:

O índice de custo de vida envolve três componentes: a renda dos consumidores, a estrutura de preços relativos dos bens ofertados no mercado e as preferências dos consumidores. Adotando-se a hipótese da racionalidade dos consumidores, que desejam atingir o maior nível de satisfação possível, sob as restrições do nível de renda e da estrutura de preços relativos, em cada momento do tempo, são consumidas determinadas quantidades de bens ofertados no mercado. Desta forma, em razão de um aumento de preços, para que o consumidor possa manter o mesmo nível de satisfação é necessário um aumento de renda. O Índice de Custo de Vida vem refletir este necessário aumento de renda (DIEESE, 2008)<sup>20</sup>.

No processo de construção do Índice de Custo de Vida do DIEESE, esses três componentes foram sendo produzidos entre os anos de 1956 e 1958.

Quando Albertino chegou ao DIEESE, encontrou uma pesquisa montada e distribuída aos dirigentes sindicais pelo contador que o antecederia. Porém, ao analisá-la, Albertino chegou “à conclusão de que o questionário era totalmente inviável, inaproveitável”. (1988 Rodrigues apud CHAIA, 1992, p.57):

Examinei o questionário elaborado por ele e imediatamente percebi deficiências... Neste questionário, havia duas falhas. Uma lamentável: não era listado o feijão. A outra não era assim tão importante: não incluía a manteiga. É um problema sério. Naquela altura, mais do que hoje, o feijão tem sua importância... A única maneira de corrigir seria voltar às famílias, mas já fazia alguns meses que as famílias tinham preenchido o questionário, e voltar às famílias era, então, impossível. (1988 Rodrigues apud CHAIA, 1992, p.65)

Tendo que recomeçar a pesquisa do zero, Albertino iniciou a primeira etapa da montagem do Índice de Custo de Vida do DIEESE com a pesquisa sobre a família padrão a partir da qual se estruturaria a pesquisa de padrão de vida<sup>21</sup>. A pesquisa sobre família padrão foi realizada por meio de um questionário

20 DIEESE. Nota explicativa do Índice de Custo de Vida – ICV DIEESE. Disponível em <http://www.dieese.org.br/pof/pof.xml#C2>. Acesso em 15/10/2008.

21 Em meados de 1957, Albertino assessorou os condutores da Companhia Municipal de Transportes Coletivos – CMTC em um levantamento sobre padrão de vida. Esta pesquisa foi demandada pela “Comissão Paritária, composta por três membros indicados pela Diretoria da CMTC e três membros indicados pelos Sindicatos dos empregados dessa empresa”, que tinham sido “incumbidos de apurar a variação do custo de vida de outubro entre 1956 e setembro de 1957”. Para isso, procedeu-se à realização de uma “pesquisa de padrão de vida como base para o levantamento do custo de vida” dentro da categoria dos condutores. A pesquisa para a Comissão da CMTC chama a atenção

rio piloto: “Era um pequeno questionário que o Albertino fez distribuir entre os bancários para escolher a família padrão para a qual iríamos distribuir o questionário (da Pesquisa de Padrão de Vida)” (POMERANZ, 2009).

A partir daqui, é importante relatar um fato relevante nesse processo: a chegada de Lenina Pomeranz para trabalhar na pesquisa.

Advinda de uma família judia de origem polonesa, Pomeranz, teve sua história de vida marcada por uma visão crítica de mundo. Como ela mesmo lembra, seu nome é um forte sinal desta tradição:

Meu pai, para ter me dado esse nome, tinha uma perspectiva de mundo que eu posso chamar quase que de anarquista. Ele era um cidadão desses bem radicais, na sua visão de mundo. E me ensinou que o mundo é desigual, que as pessoas têm que lutar pela igualdade, por uma sociedade mais justa. (POMERANZ, 2006, p. 265)<sup>22</sup>

Ao mesmo tempo, sua relação com os números começou cedo na Escola de Comércio Álvares Penteado e no trabalho como auxiliar de contabilidade:

Quando estava próxima dos 14 anos, eu já frequentava a Escola de Comércio Álvares Penteado [...]. Mas, meu tio, [...] me arranhou um emprego com um vizinho da loja, numa fábrica de guarda-chuvas na Rua Santa Efigênia. [...] E lá eu tinha um trabalho como auxiliar de contabilidade, fazia a escrita fiscal, que hoje não se faz mais, eu acho [...] (POMERANZ, 2006, p. 266).

Formada no curso técnico de contabilidade, seguiu para trabalhar nessa área em uma fábrica de buzinas e depois em uma malharia:

Depois eu fui parar, mais tarde, numa fábrica de buzinas. Também uma micro-empresa, uma empresa pequena, que era no final da Luis Góes, ali na Vila Mariana. E o esquema de trabalho era bem familiar. Lá eu acho que já estava formada em técnica de contabilidade [...]. Lá eu trabalhei, fazendo de tudo, fazia parte escritural, fazia fatura, cuidava do escritório. [...] depois eu fui parar numa malharia, na Barra Funda, onde também eu trabalhei com algumas pessoas, com uma contadora mulher (POMERANZ, 2006, p. 265).

A contabilidade foi a porta de entrada de Pomeranz para o mercado de trabalho e para sua vida acadêmica:

---

pelo fato de uma empresa pública municipal, ou seja, de propriedade da Prefeitura de São Paulo - responsável pela pesquisa oficial de inflação na cidade – admitir a necessidade de outro indicador. Em termos práticos, a pesquisa realizada para a CMTC foi muito semelhante à realizada por Lowrie em 1936-37, que teve como foco os trabalhadores municipais da limpeza pública e se constituiu na base de ponderação do “Índice Ponderado de Custo de Vida da Classe Operária na Cidade de São Paulo”, o índice oficial em São Paulo, mas para a produção do ICV constituiu-se em um primeiro ensaio do que viria a ser produzido.

22 Entrevista com Lenina Pomeranz, realizada em 2006 pelo projeto Memória - DIEESE 50 anos.

[...] fazendo o curso de Contabilidade, você tinha que seguir adiante. Tanto que o primeiro ano da faculdade, eu fiz na Álvares Penteado ainda. Eu fiz o vestibular no ano seguinte para a USP, Faculdade de Economia. [...] Era uma Faculdade de Economia e Administração tudo junto, Administração e Contabilidade. O único curso separado era o de Ciências Atuariais, se eu não estou enganada. Então a gente se formava com uma visão do conjunto (POMERANZ, 2006, p. 266).

Na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo (FCEA-USP), Pomeranz conheceu José Albertino Rodrigues, naquele momento professor assistente da cadeira de História Econômica, que então a convidou para trabalhar no DIEESE.

Pomeranz chegou ao DIEESE a convite de José Albertino Rodrigues por causa de suas aptidões e do seu envolvimento político junto ao movimento estudantil.

Eu participei da diretoria da UNES, União dos Estudantes Secundários. Fiz parte do movimento estudantil, fui da diretoria da UBES, que eu acho que era União dos Estudantes Secundários. E eu fiz parte da primeira diretoria e militei no movimento secundarista até ir para a Universidade. Na Universidade, minha atividade foi mais no Centro Acadêmico. Ajudei a fazer a reforma do ensino na faculdade como representante do corpo discente (POMERANZ, 2006, p. 265).

Na sua fala sobre a chegada de Lenina ao DIEESE, Albertino deixa clara a sua concepção sobre a relação entre o intelectual e o político e suas intenções ao trazer uma economista para o departamento:

[...] ela tinha uma participação partidária muito intensa... e ela deveria fazer um serviço de contabilidade... Disse-lhe que ganharia pouco, menos que eu, mas teria um compromisso de terminar a faculdade. Era importante ter um economista aqui. Ela realmente abandonou as outras coisas e terminou o curso na faculdade... Aos poucos deixou de fazer o serviço de contabilidade, reduziu um pouco suas atividades partidárias... Ela foi, também, uma ponta muito importante porque certos problemas técnicos, na hora de montar o custo de vida, ela resolvia com contatos lá na faculdade. Então ajudava a resolver as questões técnicas do ponto de vista estatístico (1988 Rodrigues apud CHAIA, 1992, p.75).

A chegada de Pomeranz ao DIEESE trouxe três elementos importantes para aquele momento: a formação clássica de um economista, sua facilidade em lidar com números advinda de sua experiência anterior em contabilidade e contatos com outras pessoas que auxiliaram na montagem do índice.

De volta à estruturação do índice, com os resultados da pesquisa sobre a família padrão definiu-se que seria “aquela família constituída pelo casal e três filhos menores de 14 anos, morando em casa alugada e vivendo quase que ex-



clusivamente do salário do chefe da família” (BOLETIM DO DIEESE, 1960,p.3)<sup>23</sup>.

Com a família padrão definida, escolheu-se a população a ser pesquisada: “os associados dos Sindicatos filiados ao DIEESE” (na ocasião, dezoito dos principais sindicatos da Capital) (BOLETIM DO DIEESE, 1960,p.3).

O Albertino é o mestre dessa área, foi ele quem bolou a metodologia, ele tinha um conhecimento, ele levantou a metodologia, ele estudou a metodologia. O que se fez foi o primeiro ICV [...] Nessa primeira metodologia, foi feita uma pesquisa sumária, feita com base na família padrão [...]. Para essas famílias foram distribuídos cadernos, onde ela passou a anotar tudo o que ela consumia. A tabulação desses cadernos é que nos levou à ponderação para o ICV e aí passamos a levantar preços. (Pomeranz, 1987, p. 7)<sup>24</sup>.

Com a população escolhida, a família padrão definida e a metodologia consolidada, a pesquisa de padrão de vida foi a campo com a “colaboração de estudantes de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP sob a coordenação de José Albertino Rodrigues” (BOLETIM DO DIEESE, 1960, p.3) .

Foram distribuídos 12.000 questionários, dentre os quais se escolheu 104, cujos resultados se mostraram satisfatórios, acusando uma média salarial de Cr\$ 8.543,70 por chefe de família. Selecionado esse conjunto, realizaram-se visitas às suas residências, para o preenchimento de um questionário mais minucioso, e a distribuição de cadernetas para a anotação das despesas diárias de um mês. Ressaltou-se a necessidade de anotação de todas as despesas, sem exceção, a fim de permitir a constituição de um índice, o mais completo possível e sensível a quaisquer alterações de preço (BOLETIM DO DIEESE, 1960, p.3).

Definida a estrutura de padrão de vida do ICV-DIEESE, iniciou-se a fase de verificação de marcas e artigos de maior consumo que se realizou com a aplicação de uma pesquisa de mercado estruturada por Pomeranz.

Os produtos nós definimos mandando um questionário, um caderno, para as famílias dizerem tudo que elas gastavam e na base da tabulação do que elas gastavam nós calculamos os pesos por produtos, separando por alimentação, habitação, vestuário etc e etc. Como levantar os preços? Esse era o problema crucial de qualquer índice. Você tinha que especificar muito bem os produtos e tinha que fazer uma amostra representativa de onde buscar os preços – os locais de compra – naquela altura nós não tínhamos a concentração que existe hoje nos Shopping’s nem as grandes redes de supermercados. Então, eu bolei e nós discutimos levantar os preços em alguns mercados e quitandas e tal

23 BOLETIM DO DIEESE. São Paulo: DIEESE, nº 1, ano I, maio de 1960, p.3.

24 Entrevista com Lenina Pomeranz realizada em 11/11/1987 por Miguel Wadi Chaia.

para alimentos e percorrer para os outros produtos, vestuários, material escolar e aquelas coisas as principais ruas de comércio dos vários centros comerciais da cidade, como a rua Teodoro Sampaio em Pinheiros, a rua José Paulino na Luz, avenida Celso Garcia no Brás, Largo da Penha. Enfim, nós definimos algumas ruas principais do comércio para levantar os produtos definidos como padrão para assim cada mês levantar os preços (POMERANZ, 2009).

Por fim, com todos os resultados em mãos, listaram-se os artigos que passaram a constituir o índice e suas respectivas ponderações: 159 artigos ao todo, sendo: 63 para alimentação e 96 para os demais itens – discriminando o seu tamanho, qualidade e características, de maneira a não viciar a coleta posterior dos preços (BOLETIM DIEESE, 1960, p.4).

A construção estatística do índice

foi feita à parte [...] foi usado o índice de Laspeyres. Nós ainda fomos consultar, no nosso consultor [estatístico], naquela altura um especialista agrícola muito bom de estatística que trabalhava na Secretaria de Agricultura com quem a gente tinha muito contato, Salomão Schattan. (Pomeranz, 1987, p.7).

Pomeranz conta que seu contato com Schattan<sup>25</sup> se deu em suas idas à Secretaria Estadual da Agricultura para levantar material para um trabalho que desenvolveu no DIEESE sobre o consumo de carne em São Paulo:

Os primeiros trabalhos que eu fiz no DIEESE, e isso é muito importante, era discutir coisas vinculadas ao padrão de vida da população, então o primeiro artigo que eu fiz para publicar na Folha foi sobre o consumo de carne na cidade e São Paulo [...], que me levou a estudar o mercado de carne bovina, aquela coisa toda. Esse foi o primeiro trabalho que eu fiz, para o Albertino me testar [...] E eu passei muito tempo na Biblioteca do Instituto de Economia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, que funcionava no Largo do Café, ali na rua Anchieta, e eu passava dias e dias olhando aquelas estatísticas do Ministério da Agricultura que controlava o abate e ali fiquei muito amigo do estatístico Salomão Schattan, que é consultor da FAO, que é cidadão de primeira linha no setor de estatística (POMERANZ, 1987, p.7).

Ainda na montagem estatística do índice, Pomeranz contou com a ajuda

25 Salomão Schattan (1921-2003), importante cientista e pesquisador brasileiro do século 20. Entusiasta da Estatística, durante décadas trabalhou para instalar um sistema integrado de estatísticas agrícolas em nível nacional, com levantamentos por amostragem. Entre 1946 e 1981, trabalhou como Engenheiro Agrônomo, Engenheiro Agrônomo-Chefe, Engenheiro Agrônomo Chefe Pesquisador Científico, Pesquisador VI na Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo. Foi membro da Comissão de Assesores de Estatística da FAO (FAO Statistics Advisory Committee of Experts - SAC), da Subcomissão de Estatísticos Agropecuários, da Comissão de Melhoramento das Estatísticas Nacionais, do Instituto Interamericano de Estatística, da Organização dos Estados Americanos (COINS-IASI-OAS), para melhoria das estatísticas agropecuárias na América Latina. Além disso, foi participante ativo da Revista Brasiliense, publicação comunista independente, organizada por Caio Prado Júnior e editada pela Editora Brasiliense entre 1955 e 1964. (SALOMÃO Schattan (1921-2003). Revista de Economia Agrícola, São Paulo: IEA, v. 50, n.2, p. 111-116, 2003).

do professor Luiz de Freitas Bueno<sup>26</sup>:

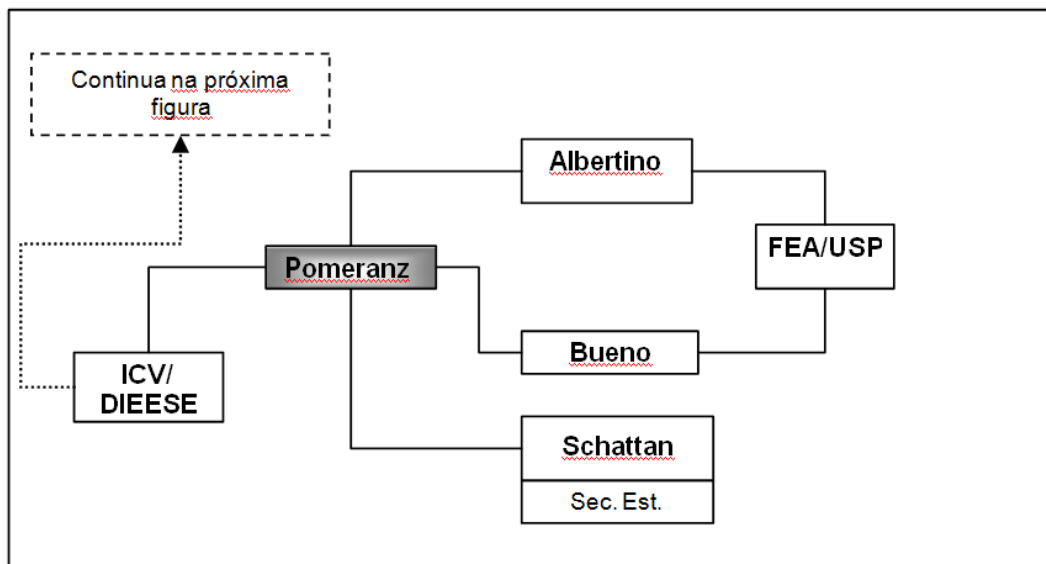
Eu estava na faculdade, eu era aluna ainda e tinha o curso de números índices com o professor Luiz de Freitas Bueno. Ele me atendeu não como técnica do DIEESE, mas como aluna dele e me ajudou a montar o esquema de cálculo (do índice) em uma planilha. (Ensinou-me) como é que entravam as coisas e como eu ponderaria cada coisa para chegar em uma média lá na ponta, na horizontal e vertical. (POMERANZ, 2009).

Após a realização da ponderação e o estabelecimento do índice, iniciou-se então a pesquisa de locais de compra para se definir onde pesquisar os preços dos itens selecionados e ponderados. Com tudo isso pronto e com a pesquisa na rua, ao final de 1958 estava criado o Índice de Custo de Vida do DIEESE.

Como se pode constatar, a participação de Pomeranz foi fundamental para a estruturação estatística e matemática do índice. Ao chegar ao DIEESE, Lenina trouxe seus conhecimentos matemáticos, principalmente sobre a teoria dos índices aprendida na FCEA-USP. Além disso, possibilitou diálogos entre o DIEESE e os intelectuais ligados à área de estatística (vide Ilustração 4).

#### Ilustração 4

#### Diagrama de relações – Lenina Pomeranz

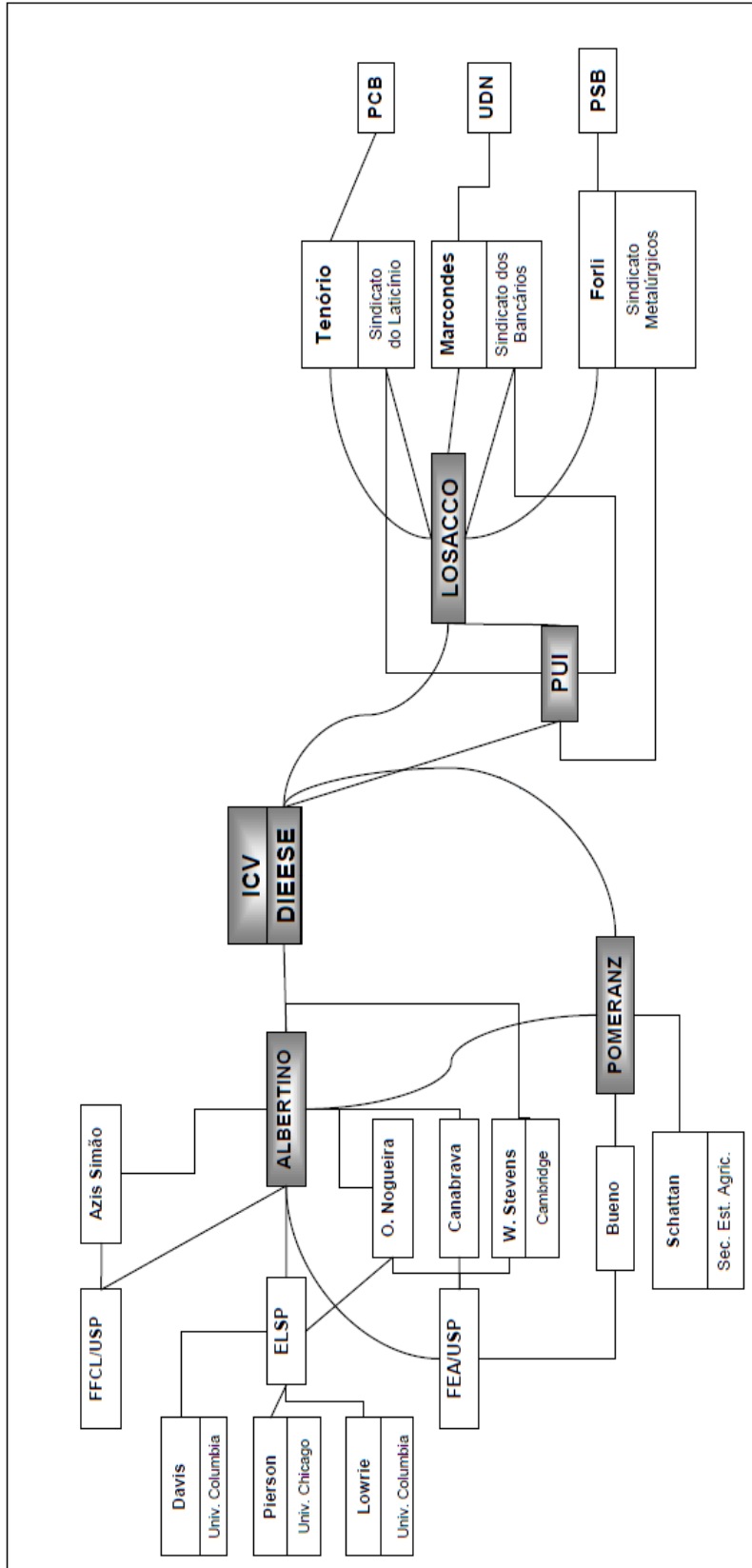


26 Luiz de Freitas Bueno (1922-2006), engenheiro elétrico, economista, estatístico e Emérito Professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP). Adentraria na FEA na década de 40, primeiramente como professor de Estatística, tornando-se em seguida catedrático. Foi praticamente autodidata nessa ciência, que chegava tardiamente ao Brasil. Bueno provocou significativos avanços na faculdade por seu pioneirismo na difusão e no exercício da econometria. (NETTO, A. D. Luiz de Freitas Bueno. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 mar. 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2203200607.htm>. Acesso em: 10 fev. 2010.)

O conhecimento produzido na FEA-USP sobre índices chegou ao DIEESE por meio de Lenina Pomeranz e de suas relações com figuras como o professor Bueno e Schattan, que foram essenciais na montagem final do Índice de Custo de Vida do DIEESE (ICV-DIEESE)<sup>27</sup>.

O ICV-DIEESE estava assim produzido e visível para a sociedade como um todo. Porém, o índice era tão somente um produto dos conhecimentos mobilizados e produzidos em todo esse processo que convergiram em um determinado momento histórico. A partir de sua constituição, esses conhecimentos passaram a produzir novas necessidades, novas relações e novos conhecimentos.

Ilustração 5  
Diagrama de relações – Losacco; Albertino; Pomeranz



## Referências bibliográficas

ABREU, A. A. et al. (Org.). Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: Pós-30. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 5 v, 2001.

ALMEIDA, F. I. A. Morre Luiz Tenório de Lima. Portal Vermelho. Disponível em <http://www.vermelho.org.br/blogs/outroladodanoticia/?p=18352>. Acesso em 25/02/2010

AMORIM, W.A.C. A evolução das organizações de apoio às entidades sindicais brasileiras : um estudo sob a lente da aprendizagem organizacional. 2007. 430p. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BENEVIDES, M.V.M. PTB e trabalhismo: Partido, Sindicato e Governo em São Paulo 1945-1964. São Paulo: Editora Brasiliense, CEDEC, 1989.

BOLETIM DO DIEESE. São Paulo: DIEESE, nº 1, ano I, maio de 1960.

BOURDIEU, P. O campo científico. In.: ORTIZ, Renato (Org.). Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

\_\_\_\_\_. Esboço de uma teoria da prática. In.: ORTIZ, Renato (Org.). Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81.

CHAIA, Miguel. Intelectuais e sindicalistas – a experiência do DIEESE (1955- 1990). São Paulo: Editora Humanidades, 1992.

COM ESTATÍSTICAS OS TRABALHADORES MARCHAM PARA A LUTA SALARIAL. O Metalúrgico. São Paulo, nº 163, jul/ago 1960, p.1.

CORRÊA, L. R. A Greve contra a Carestia: trabalhadores em busca de um acordo coletivo na Justiça do Trabalho. São Paulo, setembro de 1954. In: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2007, São Leopoldo. Anais... São Leopoldo: Unisinos, 2007a, 1 CD.

DANTAS, C. A. B. O desenvolvimento da estatística na universidade de São Paulo. Boletim da Associação Brasileira de Estatística, IME-USP, Ano XVIII, n. 52, p.39- 57, 2º quadrim. 2002.

DIEESE. Relatório da Comissão Executiva do DIEESE, referente a 1956-1957, São Paulo, 1958. Mimeo.

. Relatório da Comissão Executiva do DIEESE, referente a 1958-1959, São Paulo, 1959. Mimeo.

\_\_\_\_\_. Estatuto do DIEESE. Disponível em Disponível em: <<http://www.dieese.org.br>>. Acessado 12/03/2009.

\_\_\_\_\_. Nota explicativa do Índice de Custo de Vida – ICV DIEESE. Disponível em <http://www.dieese.org.br/pof/pof.xml#C2>. Acesso em 15/10/2008.

ENTREVISTA com Agenor Barreto Parente realizada por Solange A. Barreira. Jornal do Advogado. OAB/SP, jun. 2003. Disponível em: <http://www.riobrancoparanhos.adv.br/entrevista.htm>. Acesso em: 10 fev. 2010.

FÁVERO, M.L.A.; PEIXOTO M.C. L.; SILVA, A.E.G. Professores estrangeiros na Faculdade Nacional de Filosofia, (1939-1951). Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 78, p. 59-71, 2001.

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

HECKER, F. A. M. Um retrato falado do Brasil pré-golpe: entrevista com Salvador Romano Losacco. Revista Brasileira de História, São Paulo: ANPUH, v. 27, p. 120- 140, 1995.

\_\_\_\_\_. Socialismo sociável: história da esquerda democrática em São Paulo (1945-1965). São Paulo: Editora UNESP, 1998.

HELENO, A. P. Revisitando as memórias de Clodesmidt Riani: a trajetória de um líder trabalhista nas grandes lutas sociais que antecederam o Golpe Civil e Militar de 1964. 2007. 139 p. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

JACKSON, L. C. J. A sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1965). Tempo Social: Revista de Sociologia da USP, São Paulo: Departamento de Sociologia FFLCH-USP, v.16, n.1, p. 263-283, 2004.

\_\_\_\_\_. Gerações pioneiras na sociologia paulista (1934-1969). Tempo Social: Revista de Sociologia da USP, São Paulo: Departamento de Sociologia FFLCH- USP, v.19, n.1, p. 115-130, 2007a.

\_\_\_\_\_. Tensões e disputas na sociologia paulista (1940-1970). Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, v.22, n. 65, p. 33-49, 2007b.

JOAQUIM Cardoso de Melo Neto. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Joaquim\\_Cardoso\\_de\\_Melo\\_Neto](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Joaquim_Cardoso_de_Melo_Neto). Acesso em: 10 fev. 2010.

KANTOR, I et al. (Org.) A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação, 1933-1953. São Paulo: FAPESP: Escuta, 2001.

LEITE, M. de P. Trabalhadores, sindicatos e partidos: a greve de 1957 em São Paulo. In: CLACSO (org.). El sindicalismo latino americano en los ochenta. Santiago del Chile: Comisión de Movimientos Laborales, 1985, p. 235-244.

LIMONGI, Fernando. Revista Sociologia: a ELSP e o desenvolvimento da sociologia em São Paulo. Caderno IDESP, 1. São Paulo: IDESP, 1987. (Série “História das Ciências Sociais”).

MARTINS, H. H. T. S. O Estado e a burocratização do sindicato no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1979.

\_\_\_\_\_. Azis Simão e José Albertino Rodrigues: duas trajetórias de pesquisadores e militantes. S/d., Mimeo.

MICELI, Sérgio; PINHEIRO, F. A. F. Entrevista com Mário Wagner Vieira da Cunha. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v.20, n. 2, nov. 2008

NETTO, A. D. Luiz de Freitas Bueno. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 mar. 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2203200607.htm>. Acesso em: 10 fev. 2010.

NOGUEIRA, Oracy. Homenagem – José Albertino Rosário Rodrigues. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, Departamento de Sociologia FFLCH-USP, v. 4, n.1- 2, p. 199-203, 1992.

PINHEIRO FILHO, F. A.; MICELI, S. Entrevista com Mário Wagner Vieira da

Cunha. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, São Paulo: Departamento de Sociologia FFLCH-USP, v.20, n.2, 2008.

RODRIGUES, J. A.; COSTA V. R. Azis Simão, (1912-1990). Ciência Hoje, São Paulo, maio 1989. Disponível em: <http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/txt.php?id=21>, Acesso em: 30 dez. 2009.

RODRIGUES, J. A. Sindicalismo e desenvolvimento no Brasil. São Paulo: Edições Símbolo, 1979.

SAES, F. A. M. A obra de Alice Canabrava na historiografia brasileira. Texto apresentado no Seminário A participação feminina na construção de novas disciplinas: o caso da historiografia econômica no Brasil. In: V CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DA TECNOLOGIA, Rio de Janeiro, 1998. Mimeo.

SALOMÃO Schattan (1921-2003). Revista de Economia Agrícola, São Paulo: IEA, v. 50, n.2, p. 111-116, 2003.